

MODERNIDADE E FUTEBOL: A EXPERIÊNCIA DO FOOT-BALL CLUB ESPERANÇA DE NOVO HAMBURGO: 1900-1950

Vinícius Moser¹

RESUMO

O presente artigo pretende compreender a relação existente entre o início e o desenvolvimento das atividades do Foot-Ball Club Esperança, clube que se localizava no bairro de Hamburgo Velho (Novo Hamburgo/RS) com o ideário moderno que se instituiu dentro do contexto sul-rio-grandense durante a primeira metade do século XX, articulando-os de forma a mostrar de que maneira as ideias da modernidade encontram ressonância dentro do contexto gerado pelo surgimento e pela consolidação do futebol na cidade nesse período. Para tanto, partiu-se da perspectiva de que o futebol foi um elemento comum ao cotidiano de muitas cidades no sul do Brasil no início do século passado e que esse esporte foi uma manifestação de cultura fortemente influenciada por um movimento regional e, mesmo, nacional.

Palavras-chave: Futebol. Modernidade. Clubes. Novo Hamburgo.

ABSTRACT

This article intends to understand the relationship between the beginning and development of the activities of the Foot-Ball Club Esperança, a club that was located in the neighborhood of Hamburgo Velho (Novo Hamburgo/RS) with the modern ideas that were introduced in the “south-rio-grandense” context during the first half of the twentieth century, articulating them in a way that shows how the ideas of the modernity find resonance within the context generated by the emergence and consolidation of the football in the city in this period. To this end, we started from the view that the football was a common element of the everyday life of many cities in southern Brazil at the beginning of last century and that this sport was a manifestation of culture, strongly influenced by a regional movement and, even, national.

Keywords: Football. Modernity. Clubs. Novo Hamburgo.

¹ Graduado em História pela Universidade Feevale em Novo Hamburgo (RS). Mestrando, com bolsa Prosup/CAPES, em Processos e Manifestações Culturais, pela mesma instituição. *E-mail:* vinicius.moser@gmail.com.

1 OS COMEÇOS DO JOGO DA BOLA NO RIO GRANDE DO SUL

O início das atividades futebolísticas no Brasil deu-se, em caráter oficial, com a criação dos primeiros clubes por ingleses que residiam em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir de 1880 (GUTERMAN, 2009). Nesse contexto, Charles Miller – nascido em São Paulo em 1874, mas de nacionalidade inglesa por seus pais serem naturais desse país – pode ser considerado o “pai” do futebol, quando trouxe da Inglaterra, vinte anos após o seu nascimento, as primeiras bolas e bombas para enchê-las.

No período compreendido entre as primeiras décadas do século XX, o futebol desenvolveu-se grandemente no Rio Grande do Sul, o que, em linhas gerais, ocorre de forma semelhante à dos outros estados brasileiros. Para Jesus (2003), esse foi um período efervescente para o esporte, vários clubes se formaram em cidades gaúchas, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas.

Concomitantemente a essa influência platina na formação visualizada dos clubes de futebol na região da campanha sul-rio-grandense, como o 14 de Julho (1902), de Santana do Livramento, e o *Sport Club Bagé* (1906), na capital Porto Alegre e na região colonial, os imigrantes alemães muito contribuíram para a disseminação do futebol entre as regiões coloniais do Rio Grande do Sul, em se tratando aqui, especificamente, da colônia alemã (JESUS, 2001). De igual modo, os teuto-brasileiros² também auxiliaram a alavancar o relativo surto industrial que o Estado teve na virada do século XIX para o XX, como mostra Gertz (1991).

Cabe salientar que, segundo Pesavento (1980), a influência germânica nas sociabilidades, na arquitetura e no imaginário da capital foi de tal monta que, segundo os cronistas da época, tratava-se de uma cidade francamente germanizada. Essa presença decisiva dos teuto-brasileiros na introdução do futebol no estado traduziu-se, por exemplo, na fundação do *Sport Club Rio Grande*, em 19 de julho de 1900 (JESUS, 2001). Nesse sentido, o futebol, que chegou ao Rio Grande do Sul como uma manifestação esportiva ligada às

elites, transformou-se rapidamente em um elemento de cultura de massa, uma vez que esse público consumidor não formulava exigências particulares a esse produto cultural que chegava à região sul do Brasil (PRODANOV; MOSER, 2009).

Nesse contexto de expansão dos imigrantes e seus descendentes, também na capital, em 1903, foram fundados, no mesmo dia (15 de setembro), os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre: o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e o *Fussball Club Porto Alegre*. Essa última agremiação resistiu como clube durante décadas, mas, nos anos 1940, encerrou suas atividades.

Com isso, os clubes de futebol surgidos nas diferentes regiões do Estado, e também no caso específico Novo Hamburgo, funcionaram como expressão das complexidades sociais e atuaram como catalisadores de opções identitárias dos grupos sociais envolvidos. O surgimento e o crescimento de novos clubes na cidade explicitam, à sua maneira, as divisões simbólicas daquela sociedade.

Dentro desse contexto de organização social e identitária a que as comunidades de origem germânica se propunham, os clubes sociais de tiro, de canto e música e de esportes eram muito fortes e foram instituídos já na origem e na formação das vilas e das cidades, juntamente com as igrejas e as escolas, como elementos reforçadores dessa identidade teuto-brasileira. Desde 1824, esse movimento foi intenso e, ao longo de todo o século XIX, dezenas de clubes sociais e esportivos foram surgindo na região de colonização alemã, dentro de uma lógica de preservação da germanidade dos teuto-brasileiros (PRODANOV, 2008).

Embora sendo um distrito de São Leopoldo, desde a sua fundação até 1927, quando de sua emancipação, Novo Hamburgo, desde a década de 1890, vivenciou um intenso crescimento das atividades fabris, especialmente com a introdução dos curtumes de couro, depois com as empresas artesanais e, posteriormente, com a indústria calçadista na cidade (SCHEMES *et al*, 2005). O setor coureiro-calçadista definiu, nesses anos iniciais, a fonte de riqueza da cidade e transformou Novo Hamburgo, em algumas décadas, de um distrito em uma cidade polo da região do Vale do Rio dos Sinos.

Em paralelo com a riqueza gerada pelo couro e pelo calçado, Novo Hamburgo acompanhou as tendências esportivas ditadas pela Capital, incorporando o futebol às tradições “clubísticas”

² Etnia que, segundo Seyferth (1982), pode ser explicada através conceito de germanidade (*Deutschum*).

já arraigadas. Nesse sentido, vale lembrar que a cidade possuía, na virada do século, clubes de tiro, ginástica, canto, bolão, assim como os seus conterrâneos teuto-brasileiros possuíam em Porto Alegre (PRODANOV, 2008). E, naturalmente, o futebol, já nas primeiras décadas do século XX, tornou-se presente no cenário esportivo hamburguense.

Essa dinâmica de industrialização que engendra o pensamento moderno encontra paralelos em muitas outras cidades brasileiras, como Porto Alegre e São Paulo, por exemplo. A formação dos clubes de futebol começa a tomar corpo no momento em que o processo de industrialização das cidades tem início. Os distintos clubes também refletiam as diferenças identitárias de espaços urbanos que se complexificavam em meio ao processo de modernização. As rivalidades transpostas simbolicamente para as quatro linhas traduzem, de certa maneira, as tensões daquela ambiência. Nas palavras de Silva (2009):

[...] na rivalidade esportiva existe uma economia simbólica de alguma forma ligada à história dos clubes e das relações entre os diferentes grupos sociais. No jogo esportivo e político, não se jogava apenas o conflito entre as elites e o povo, de certa forma apaziguado pela ideologia populista, mas também a contradição, constitutiva de nossa identidade, entre duas formas de ser popular.

Na Porto Alegre do início do século XX, que também vivia um processo de ufanismo modernizante, são fundados os dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul: o *Grêmio Football Porto-alegrense*, em 1903, e o *Esporte Clube Internacional*, em 1909. Outros clubes fundados na mesma época tiveram diferentes projeções e permanências, mas a dicotomia *Grenal* impôs-se e domina o imaginário gaúcho até hoje. Também aqui ocorreu um processo de identificação, de afinidade eletiva, que, de uma forma geral, divide a “elite” do “povo” (OSTERMANN, 2000).

A virada do século e as primeiras décadas do século XX foram um período marcado por certa secularização dos costumes em Porto Alegre e nas principais cidades do país. O imaginário dos

grandes centros e suas “formas sociais” alteraram a estética das cidades e dos comportamentos cotidianos. As traduções da modernidade nessas cidades expressam-se através das sociabilidades públicas e suas teatralizações em oposição às formas tradicionais e religiosas. Na visão de Maroneze (1994), o culto às ruas, os encontros nos cafés e a valorização de uma vida mais mundana, ligada ao consumo, ao indivíduo e ao corpo, abrem espaço também aos esportes. Nicolau Sevcenko (1992), comentando a realidade de São Paulo na época, afirma que os esportes se constituíram num traço diacrítico de um discurso cultural associado ao movimento e à velocidade. A explosão urbana da capital paulista teve nos esportes um canal legítimo de representação: a velocidade e a disciplina exigida para a produção da vida moderna necessitavam de indivíduos preparados (SEVCENKO, 1992).

As práticas esportivas, na medida em que estavam associadas à modernidade e aos novos discursos sociais, assumiram rapidamente uma posição de destaque na lógica cotidiana das cidades, criando novos laços sociais e uma ordem compensatória ao caos de cidades que cresciam rapidamente.

Para além das diferenças sociais demarcadas pelos distintos clubes em suas cidades, o futebol também funcionou, e funciona, como uma “forma social” de sociabilidade, uma estrutura subjetiva e discursiva que aglutina, permite conversas, aproxima indivíduos de diferentes posições econômicas e estamentais. Nesse sentido, ele é filho do espírito moderno, que tem na “cultura pública” e na vida das ruas seu espaço essencial; as diferenças na complexidade das massas são democratizadas no espírito do jogo, em que derrota ou vitória começam e terminam no encontro, na aposta e na “flauta”.

Desse modo, este trabalho pretende mostrar de que maneira o futebol, mais especificamente através da criação e do desenvolvimento das atividades futebolísticas do *Foot-Ball Club Esperança* (FBC Esperança), clube fundado na localidade de Hamburgo Velho, bairro da cidade de Novo Hamburgo, pode ser traduzido como um elemento da modernidade a que se propunha nessa cidade ao longo da primeira metade do século XX. Também aqui se pretende mostrar o crescimento da cidade através do processo de industrialização nela verificado dentro desse momento histórico.

2 O FOOT-BALL CLUB ESPERANÇA NA NOVO HAMBURGO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A partir dos contextos nacional e regional apresentados anteriormente, cumpre aqui destacar de que maneira as atividades esportivas e futebolísticas tiveram seu desenvolvimento em Novo Hamburgo, cidade localizada na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, nas proximidades da capital, Porto Alegre (ROCHE, 1969). Desde a década de 1890, a cidade vivenciou um intenso crescimento das atividades fabris, especialmente com a introdução dos curtumes de couro, depois com as empresas artesanais e, posteriormente, com a indústria calçadista na cidade (SCHEMES *et al*, 2005). O setor coureiro-calçadista definiu, nesses anos iniciais, a fonte de riqueza da cidade e transformou Novo Hamburgo, em algumas décadas, de um distrito em uma cidade polo da região do Vale do Rio dos Sinos.

Desse modo, já nos anos iniciais de sua emancipação, Novo Hamburgo era alcunhada de *Cidade Industrial* ou *Manchester Brasileira*, denominações de Novo Hamburgo encontradas no principal periódico da cidade nesse período³. Esses epítetos eram dados por conta de sua importante atividade fabril e do crescimento de sua projeção dentro do cenário econômico sul-riograndense como uma das cidades mais prósperas do interior do estado (MARTINS, 2011). Assim, a cidade apressava-se para estar em dia com a estética que pretendia exibir aos seus visitantes.

Por um lado, a municipalidade arborizou praças, arrumou vias públicas e construiu um palácio municipal moderno [isso já nos anos 1950]. Por outro, a elite enriqueceu o dia-a-dia da cidade com novas e modernas construções que, [acreditava-se], honrava qualquer cidade civilizada. Assim, surgiram sólidos prédios ali e elegantes palacetes acolá. Modernos *bungalows* iam sendo construídos. A vila se renovava (SELBACH, 1999, p. 44, grifo do autor).

³ Esse periódico se denominava *O 5 de Abril*, semanário que circulou em Novo Hamburgo de maio de 1927 a setembro de 1962, sendo, em boa parte desse período, o único veículo de imprensa escrita da cidade (BEHREND, 2002).

Nesse sentido, a riqueza crescente proporcionada pela cada vez maior produção de calçados destinados, sobretudo, à capital do Estado e a outros centros urbanos brasileiros transformava o município. A cidade, distante 45 km da capital do Rio Grande do Sul, não podia ter um aspecto de colônia; necessitava de espaços urbanos e de sociabilidade que estivessem à altura da próxima Porto Alegre. Desde o momento da emancipação hamburguesa, a capital estadual consistia na principal inspiração para a construção desse discurso de modernidade que Novo Hamburgo ansiava por articular (SELBACH, 1999).

Assim, no dia 10 de maio de 1914, na então “Pensão Breaescher”, que se localizava defronte ao atual Colégio Santa Catharina, em Hamburgo Velho, foi assinada e registrada a ata de fundação do FBC Esperança, que, no momento de seu surgimento, contava com trinta e oito sócios iniciais. Desse número inicial de participantes, somente quatro possuíam sobrenome não germânico, ressaltando, mais uma vez, o caráter fortemente étnico do desenvolvimento do futebol hamburguense à época (ESPERANÇA, 1944). O primeiro presidente do clube foi João Emilio Leyser.

Os fundadores do FBC Esperança, diferentemente do seu maior rival, o Esporte Clube Novo Hamburgo (ECNH), eram, em grande parte, proprietários de estabelecimentos fabris e comerciais de Hamburgo Velho (PRODANOV; MOSER, 2011). Essa elite local sentia a necessidade de possuir um time de futebol próprio, para poder se sentir em pé de igualdade com a localidade vizinha – e rival – de Novo Hamburgo, que, antes mesmo da emancipação do município, ocorrida 13 anos após a fundação do FBC Esperança, já tomava a dianteira como o polo econômico da cidade (SCHEMES, 2006).

Na época, “[...] era comum e equilibrada a presença de estabelecimentos fabris, comerciais e de lazer, além disso, ambas regiões possuíam seus cinemas, clubes e círculos sociais, bem como em cada uma estava fincada uma estação férrea e agência postal” (PRODANOV; MOSER, 2009, p. 7). Esse contexto de rivalidade e de dualidade entre as duas localidades é percebido também nas falas de pessoas entrevistadas.

A fundação e a existência do FBC Esperança são, pois, permeados por esse sentimento de dualidade e rivalidade entre os dois bairros, podendo-se dizer

que não existiria, em especial na década de 1930 e 40, o futebol do FBC Esperança, se não houvesse o seu oponente de Novo Hamburgo, o ECNH (SCHEFFEL, 2010). Assim sendo, faz-se necessário, para reconstruir a trajetória histórica do FBC Esperança, acompanhar de perto a rivalidade entre esses dois clubes.

Desde o começo de suas atividades, o FBC Esperança, que também possuía um atuante departamento social, em especial nos anos 1930 e 40, possuía um diferencial em relação aos outros clubes sociais existentes em Hamburgo Velho – a Sociedade *Fröshin* (atualmente Sociedade Aliança) e a Sociedade Ginástica de Hamburgo Velho. Enquanto a primeira tinha como principal atividade o Canto Coral, a Sociedade Ginástica dedicava-se, além da própria modalidade que denominava a Sociedade, à prática de bolão. O FBC Esperança, por sua vez, também possuía uma atividade cultural relevante, sempre contando, em suas programações oferecidas aos sócios, números musicais e artísticos em maior número do que nas outras agremiações citadas.

Outro detalhe interessante da trajetória desse clube é que, ao longo de sua existência, possuiu uma sede social própria e, no início dos anos 1940, inaugurou seu estádio. No entanto, em suas atividades sociais, como bailes de aniversário de fundação e outros momentos de sociabilidade, utilizava as dependências da Sociedade Ginástica, nunca tendo construído um salão social próprio.

Concomitantemente a essas atividades de cunho social e cultural, o futebol, principal atividade do FBC Esperança, já nos seus anos iniciais de existência, tomava corpo. Nesse sentido, os jogos de assistência mais concorridos, na recém-emancipada Novo Hamburgo de 1927, consistiam no já “clássico” local entre o FBC Esperança e o ECNH. Como já indicou a crônica esportiva do primeiro periódico local, o jornal *O 5 de Abril*, que, no dia 05 de agosto do mesmo ano da emancipação hamburguesa, publicou a crônica do “renhíidíssimo jogo”, pelo retorno do campeonato municipal, entre o FBC Esperança e o ECNH, cujo resultado vitorioso do Novo Hamburgo lhe deu- o título de campeão municipal, que enfrentaria, em Caxias do Sul, o *Sport Club Juvenil*, campeão daquela localidade da serra. Como se pode perceber, o futebol na cidade logo se tornou objeto da apaixonada torcida, acompanhada pela imprensa da época, que registrava, com riqueza de detalhes, essa disputa esportiva.

Rapidamente, o FBC Esperança cresceu em número de associados, contando, já em fins dos anos 1920, com departamentos específicos, como o de futebol, o social e o de atividades culturais, refletindo a organização e a profissionalização dessa agremiação esportiva (ESPERANÇA, 1944). Já na década seguinte, tomando como base os registros disponíveis na imprensa hamburguesa da época, entre Esperança e ECNH, decisões de campeonatos municipais muitas vezes foram questionadas por ambos os clubes, no âmbito da AHEA (Associação Hamburguesa de Esportes Amadores), criada em 1935, com o objetivo de regular e mediar as disputas entre os diversos clubes futebolísticos existentes na cidade, à época, e que disputavam o Campeonato Municipal, principal certame da cidade.

Um passo importante dentro do crescimento do FBC Esperança como clube de futebol foi a aquisição, em 1934, de uma área de terra, localizada evidentemente em Hamburgo Velho, com a finalidade de abrigar o estádio do clube. Com efeito, nove anos depois, em 28 de junho de 1942, inaugura-se o estádio 10 de maio, em alusão à data de fundação do clube (ESPERANÇA, 1944).



Figura 1 - Fotografia da inauguração do Estádio 10 de maio, em 1942

Fonte: álbum comemorativo dos 30 anos do fbc esperança, 1944

A imagem mostra o momento de inauguração, em que autoridades municipais e a sociedade de Hamburgo Velho maçicamente prestigiaram a inauguração do novo campo, considerado, segundo a imprensa da época, um “portentoso” e imponente campo de jogo (*O 5 DE ABRIL*, 1940). A partida oficial de inauguração do novo estádio

foi contra o Grêmio *Foot-ball* Porto-alegrense, cujo placar marcou 2x1 para o time da casa. Um aspecto relevante de se levar em consideração é o relacionamento cordial que havia entre o Grêmio e o FBC Esperança, tendo as duas equipes disputado muitos jogos amistosos, sempre em clima de amenidade (O 5 DE ABRIL, 1940).

O clube, desde seu início, teve um quadro esportivo dividido em juvenis, aspirantes e profissionais, divididos em primeiro e segundo quadros, de forma que das categorias profissionais do FBC Esperança saíram grandes profissionais de futebol (FEIJÓ, 2009). Dentre eles, destacam-se o *center-forward* – a denominação de centroavante, até os anos 1950, pela crônica esportiva – Geada, que começou sua carreira no Esperança e teve grande destaque na equipe do Grêmio Porto-alegrense, na década de 50 – esse jogador foi considerado um dos maiores jogadores do time da capital gaúcha. Da mesma maneira, o técnico Osvaldo Rolla começou sua carreira de técnico comandando o FBC Esperança, nos anos 1950, e fez grande sucesso no Grêmio de Porto Alegre na década seguinte, inaugurando um novo estilo de técnico de futebol (OSTERMANN, 2000). Um dos pontos altos da trajetória futebolística dessa agremiação futebolística foi a conquista do título de Campeão do Interior, semelhante ao atual campeão do primeiro turno, do Campeonato Gaúcho, em meados dos anos 1950.

No entanto, no início da década de 1960, o FBC Esperança começou a entrar em declínio. A grande competitividade do meio futebolístico, já na época, fazia com que somente os times da capital do estado, Grêmio e Internacional, possuíssem condições financeiras e técnicas para competir de igual para igual com equipes do centro hegemônico do país. Já em finais da década de 1950, os torneios interestaduais começavam a se popularizar, não dando muita margem de atuação para clubes de cidades de menor relevância esportiva, como no caso do FBC Esperança. Na visão de um depoente:

Porque o Esperança e o Novo Hamburgo eles [os dirigentes] se esqueceram, perderam o bonde da história. Chegou um momento que a dupla Gre-nal começou a vender bandeirinhas aqui na rótula da [Rua] 07 de setembro, nem tinha rótula nem tinha 07 de setembro, mas ali era uma

entrada pra Novo Hamburgo. Então pra não ficar mais aqui no centro, onde haveria perigo, começaram a vender bandeirinhas do Grêmio e do Internacional [...] (FEIJÓ, 2009).

Essa atividade mais agressiva e profissional de publicidade gerou maior penetração dos times da capital em Novo Hamburgo, cooptando, assim, um maior número de torcedores, fazendo com que o ECNH e o FBC Esperança lentamente comesçassem a perder torcedores e, conseqüentemente, espaço nas disputas esportivas.

Nesse contexto de paulatino enfraquecimento do futebol na cidade, o FBC Esperança, em 1964, encerrou as atividades profissionais de futebol. Além da situação já citada, outro fator importante que determinou esse declínio foi a venda do Estádio 10 de Maio em 1974, em virtude do alto endividamento fiscal e previdenciário do Clube, deixando a agremiação em situação de quase insolvência, conforme um depoente (SCHEFFEL, 2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol configurou-se, nos primeiros anos do XX, numa paixão lúdica fascinante para os jogadores e os espectadores; era um esporte com regras claras, simples e que necessitava de pouco equipamento para ser praticado e assistido por contingente relativamente grande de pessoas.

A formação do FBC Esperança, em 1914, deu-se no núcleo inicial de ocupação de Novo Hamburgo, no bairro de Hamburgo Velho, como contraponto do Esporte Clube Novo Hamburgo, que teve suas atividades iniciadas três anos antes na região central da cidade. Nesse sentido, cabe destacar que a formação do ECNH se deu por trabalhadores de fábricas da região central de Novo Hamburgo, especialmente da Fábrica de calçados Sul-riograndense. Enquanto isso, o FBC Esperança, que se tornou o maior rival do ECNH, surgiu como um clube que também era integrado por segmentos populares, mas subsistia à presença da elite comercial e industrial local.

Nesse sentido, a dualidade existente entre as localidades de Hamburgo Velho e a região central da cidade não ficou apenas circunscrita às atividades futebolísticas. Nos aspectos referentes à sociabilidade e a facilidades urbanas do então 2º distrito de São Leopoldo, como agências postais e

estações ferroviárias, evidenciava-se uma disputa entre essas duas regiões hamburguesas.

O desenvolvimento de uma infraestrutura urbana, propiciado pelo nascente ciclo de crescimento do setor coureiro-calçadista, que se verificou em Novo Hamburgo a partir da década de 1890, gerou um sentimento de modernidade para a cidade. Em outros termos: a cidade *sentia-se* – usando aqui a expressão de Selbach (1999) – moderna, em consonância com os avanços técnicos, industriais e urbanísticos que ocorriam nas principais cidades brasileiras e na próxima capital do estado, Porto Alegre, durante o final dos oitocentos e os primeiros decênios do século XX.

Dessa maneira, a relevância do futebol, na mais importante - economicamente falando - cidade da região colonial alemã do Rio Grande do Sul, mostra que o futebol não se configurava somente como uma prática esportiva ou de lazer de massa. O desenvolvimento das atividades futebolísticas em Novo Hamburgo, no caso específico a trajetória histórica do FBC Esperança, foi um dos elementos construtores do discurso de modernidade que se elaborou na cidade ao longo da primeira metade do século XX. O futebol, ao lado da riqueza advinda do couro e do calçado, também pode ser compreendido como um dos elementos “modernizadores” da cidade nesse momento histórico.

Assim, o jogo da pelota pode, finalmente, servir como um elemento novo dentro da compreensão do processo da construção da identidade hamburguesa nesse período, marcada fortemente pelo ideário da modernidade.

REFERÊNCIAS

- BEHREND, Martin Herz. **O 5 de Abril**: o primeiro jornal de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo: [s.n.], 2002.
- ESPERANÇA, Foot-ball Club. **Álbum comemorativo dos 30 anos do FBC Esperança**, 1944, 64 f. Mimeografado.
- FEIJÓ, Alceu Mário. **Depoimento** [jul. 2009]. Novo Hamburgo: 2009.
- GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. Série síntese rio-grandense.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular no país. São Paulo: Contexto, 2009.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol, globalização e identidade local no Brasil. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 8, n. 57, 2003.
- _____. Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil. **Scripta nova**: revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona, v. 1, n. 94, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-108.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2011.
- JORNAL O 5 DE ABRIL. **Notas Sportivas**. Novo Hamburgo: Typographia Behrend, 1927-1945.
- MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Espaços de sociabilidade e memória**: fragmentos da “vida pública” porto-alegrense entre os anos 1890 e 1930. Porto Alegre, 1994, 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.
- MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira**: exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979. Porto Alegre, 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nós iremos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. O futebol no extremo sul do Brasil e sua chegada na região alemã de Novo Hamburgo. **Lecturas**: Educación Física y Deportes. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 13, n. 122, jul. 2008.

_____; MOSER, Vinícius. O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul. **Lecturas:** Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago. 2009.

_____; MOSER, Vinícius. *Fussball, calcio, football: o futebol colonial no Rio Grande do Sul.* **Recorde:** revista de história do esporte, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-18, dez. 2011.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHEMES, Claudia *et al.* **Memória do setor coureiro-calçadista:** pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHEFFEL, Albano Nelson: *depoimento* [fev. 2010]. Novo Hamburgo: 2010

SELBACH, Jéferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997:** os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade. Porto Alegre: 1999. 370 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo nos frementes anos 20. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SILVA, Marcelino Rodrigues. A massa faz 100 anos: futebol e sociedade em BH hoje. **Recorte:** Revista de linguagem, cultura e discurso, Belo Horizonte, ano 5, n. 9, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao9/9_artigo-marcelino.html>. Acesso em: 29 abr. 2011.